



Paulo  
homenagem  
na Centenário do seu Nascimento  
vintela

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras

Biblioteca Nacional  
Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra

*Não Pravia*

HOMENAGEM A PAULO QUINTELA  
No Centenário do seu Nascimento

24 de Dezembro de 1905 – 9 de Março de 1987

Coordenação  
Maria Teresa Delgado Mingocho  
Maria António Hörster

Faculdade de Letras  
2008

*Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação*

Homenagem a Paulo Quintela : no centenário do seu Nascimento,  
24 de Dezembro de 1905 – 9 de Março de 1987 / coord. Maria  
Teresa Delgado Mingocho, Maria António Hörster  
ISBN 978-972-9038-92-1

I — MINGOCHO, Maria Teresa Delgado

II — HÖRSTER, Maria António

CDU 821.134.3Quintela,Paulo.09

929

378

**Título:** Homenagem a Paulo Quintela: No Centenário do seu Nascimento

**Autor:** Coordenação de Maria Teresa Delgado Mingocho; Maria António Hörster

**Coordenação Editorial:** Gabinete de Publicações da FLUC

**Tratamento de texto:** Olga Carramanho

**Capa:** Victor Torres

**Depósito Legal:** 277154/08

**Impressão:** Secção de Textos da FLUC

**Tiragem:** 600 exemplares

©Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

## Nota Prévia

Quis a Faculdade de Letras celebrar o centenário do nascimento de Paulo Quintela, um dos seus mais ilustres Mestres no século que findou. Na impossibilidade de observar estritamente a indicação do calendário, fixou-se como data das comemorações o dia 25 de Março de 2006. Por feliz circunstância, ocorria em finais de 2005 mais uma edição do "Prémio de Tradução Paulo Quintela", atribuído trienalmente pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o patrocínio da Fundação Eng.º António de Almeida e do Banco Espírito Santo. Nesta medida, procurou a Comissão Organizadora integrar na Sessão Solene das comemorações a entrega do referido Prémio, visando, assim, homenagear a figura notável do Germanista à luz de uma actividade que, durante toda a vida, praticou com paixão e dele fez uma referência incontornável no panorama da Literatura Portuguesa do século XX.

Na sessão da manhã, que contou com a presença do Magnífico Reitor,

## HOMENAGEM A PAULO QUINTELA

*dos Presidentes dos Conselhos Directivo e Científico da Faculdade de Letras, bem como de outras autoridades civis e académicas, evocaram-se, através de testemunhos de antigos alunos e de uma sua colaboradora nos anos sessenta, as diversas dimensões da intervenção de Paulo Quintela: o professor, o homem de cultura e o cidadão responsável. Esta Sessão Solene encerrou com a intervenção do Magnífico Reitor que, num testemunho pessoal, recordou a figura de Paulo Quintela, desde as primeiras impressões que dele colheu no já lendário ambiente d'A Brasileira.*

*O seu trabalho como professor e tradutor foi ainda posto em evidência mediante uma exposição bibliográfica, organizada pelo Instituto de Estudos Alemães, com a colaboração de bibliotecárias da Faculdade de Letras, a qual reuniu um acervo significativo da sua bibliografia bem como testemunhos sobre a sua pessoa e a sua obra. Por esta ocasião, foi inaugurado um busto do Homenageado, oferecido pela Família à Faculdade de Letras.*

*No intuito de associar a geração dos actuais estudantes a esta homenagem, foram lidas, por alunos da Licenciatura em Estudos Artísticos, versões portuguesas de autores de língua alemã e inglesa, que constituem marcos importantes da actividade tradutiva do Mestre.*

## NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

*Não poderia a Comissão Organizadora deixar de divulgar os testemunhos que integraram as cerimónias da Homenagem, indo deste modo também ao encontro do desejo manifestado pelo Magnífico Reitor, que viu na publicação dos textos uma forma de a Universidade de Coimbra sinalizar a gratidão pelo legado cultural deste seu notável Professor.*

*A presente edição reúne os testemunhos apresentados na Sessão Solene das comemorações, as versões portuguesas de Paulo Quintela lidas pelos estudantes bem como as alocações proferidas no contexto da cerimónia de entrega do "Prémio de Tradução Paulo Quintela 2005", entre as quais o discurso do Laureado, Vasco Graça Moura.*

*Gostaríamos de deixar expresso o nosso agradecimento ao anterior e ao actual Senhores Presidentes do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, Professores Doutor Lúcio Cunha e Doutor Carlos Ascenso André, pelo apoio dispensado à presente publicação.*

*Coimbra, 30 de Julho de 2006*

Rita Marnoto

Membro do Júri do

“Prémio de Tradução Paulo Quintela 2005”

As *Rimas* de Francesco Petrarca  
em tradução de Vasco Graça Moura

A atribuição do “Prémio de Tradução Paulo Quintela 2005” às *Rimas* de Francesco Petrarca na versão de Vasco Graça Moura envolve um amplo e dinâmico horizonte de línguas, culturas e literaturas. Recordo, em primeiro lugar, a escola germanista, que é a de Paulo Quintela, por ocasião da homenagem que em boa hora lhe é tributada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; o magistério de Petrarca, “o primeiro moderno”, nas célebres palavras de Ernest Renan; e um contexto de chegada, a língua

## HOMENAGEM A PAULO QUINTELA

portuguesa. Na verdade, Petrarca abriu os caminhos da modernidade a partir de vias plurais, ao elaborar uma leitura, à escala da sua intimidade, do mundo dos Antigos, que descobriu, da poesia provençal, da literatura francesa e de toda a literatura italiana que o precedeu, entre os Sicilianos e Dante.

Paulo Quintela estará feliz, com certeza, por este momento. Na lista de textos cuja leitura considerava de importância básica para a formação de qualquer estudante universitário, contavam-se autores de proveniências muito diversas, e também as letras italianas nela se encontravam representadas, com Dante. O grande mestre da Universidade de Coimbra nunca teria sequer sonhado que este Prémio envolvesse áreas que mais drasticamente sofreram os efeitos dos cortes que atingiram as universidades portuguesas por não serem “sustentáveis”: o encerramento de licenciaturas com variantes em Italiano, Alemão e Francês. Neste campo, o Italiano teve a precedência. Os cortes implicaram a suspensão da única licenciatura em Italiano, deixando campo aberto a outras escolas. Mas, com este Prémio, o Italiano leva igualmente a precedência, e de forma só aparentemente paradoxal, em



## NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

termos de índices, tendo em linha de conta que, de entre as obras a concurso, o grupo das versões do Italiano foi dos mais numerosos e que a tradução distinguida é de um poeta italiano, o poeta italiano em torno do qual se formou o primeiro movimento literário de feição verdadeiramente europeia, o Petrarquismo.

A diferenciação das linguagens de Babel não é causa de incompreensão, mas possibilidade de entender a diferença implícita em cada acto de comunicação, e que por isso mesmo potencia a comunicação, como mostrou George Steiner. Ora, a “sustentabilidade” é a própria aposta na diversidade e nas suas valências. Para Paulo Quintela, com a sua visão ampla das relações entre línguas, literaturas e culturas, com o seu espírito empreendedor, essa intersecção valeria, por si, como um programa de “sustentabilidade”.

O tradutor hoje laureado é um habitante desta nossa Babel. Poeta, romancista, ensaísta e cronista, verteu para Português Dante, Petrarca, Villon, Ronsard, García Lorca, Rilke, Shakespeare, Gottfried Benn, Enzensberger, Walter Benjamin ou Seamus Heaney (que recentemente recebeu um

## HOMENAGEM A PAULO QUINTELA

doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Coimbra). Enquanto tradutor da literatura italiana dos primeiros séculos, Vasco Graça Moura descreveu um percurso que o levou através da *Vita nuova* de Dante em 1995, da *Commedia*, no mesmo ano (por essa ocasião foi-lhe atribuído o Prémio Pessoa), do *Cancioneiro* de Petrarca em 2003 (também Premio Monselice, Diego Valeri), até chegar aos *Triumphs*, em 2004. O tirocínio do tradutor firmou-se, pois, na descrição de um arco diacrónico de cerca de um século, que foi fundamental para a definição da norma linguístico-literária do Italiano e para a sua projecção como língua da harmonia por excelência e do *bel canto*. A linguagem do Dante da *Vita nuova* é a da fenomenologia stilnovista, permeada pelo léxico da religiosidade medieval, em particular o dos Franciscanos. Diverso é o Italiano da *Commedia*, caracterizado por uma variedade e por uma expressividade onde se espelha um municipalismo que é não só de Dante, mas de toda uma época. Para a primeira dessas obras, Vasco Graça Moura optou por uma solução translativa arcaizante, ao passo que, no caso da *Commedia*, seguiu uma via mais directa.

Numa distinção que fez história, o filólogo Gianfranco Contini contrapôs

## NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

o plurilinguismo de Dante, com a variedade de tons e de estratos lexicais que lhe é própria, à tendencial uniformidade vocabular e melódica de Petrarca. O percurso intelectual de Dante é propulsionado pela constante busca de novas formulações, num experimentalismo irrefragável. Diversa é a atitude de Petrarca, que vai lapidando, incessantemente, um mesmo estrato de língua, para o filtrar com o gosto e a erudição do insaciável leitor dos *auctores*, laborando por sucessivas escolhas. Desse modelo de rarefacção selectiva, que se prolongará através de vários séculos de literatura, brota o estatuto privilegiado do Italiano. É com a preciosa experiência capitalizada pela tradução de duas obras-chave do experimentalismo dantesco que Vasco Graça Moura enfrenta o *Cancioneiro* de Petrarca. Com efeito, esse tirocínio acompanha não só as movências de um sistema linguístico-literário em vias de formação, como também um importante segmento da reflexão petrarquesca em torno das suas opções.

A edição das *Rimas* com que nos brinda é bilingue, com uma introdução que se presta a vários níveis de leitura e com algumas notas explicativas básicas. Ao referir-se à especificidade do trabalho do tradutor, cita, nesse

prefácio, o ensaio de Umberto Eco sobre a tradução, que então tinha acabado de sair, intitulado *Dire quasi la stessa cosa*. Eco não oculta, logo nas primeiras páginas, os escolhos da tarefa. As questões incidem sobre a própria essência do trabalho do tradutor, a saber, o que é *la cosa* que se traduz, o que significa para ele *dire*, até onde vai o *quasi*.

As dificuldades colocadas pela tradução do *Cancioneiro* para Português são emblematizadas pelo facto de a monumental presença de Petrarca, na literatura portuguesa, ter por contraponto a ausência de uma tradução integral. Citado por Fernão Lopes, modelo maior da lírica de Camões, o seu influxo estende-se, pelo século XX, até ao século XXI, com Álvaro de Campos, Carlos Queiroz, Alexandre O'Neill, Cesariny, Vitorino Nemésio, Pedro Tamen, David Mourão Ferreira, Manuel Alegre, Ruy Belo e tantos outros escritores, entre os quais o próprio Vasco Graça Moura. Essa ausência de modo algum corresponde a um vazio, tendo em linha de conta que os versos de Petrarca eram lidos, desde tempos ancestrais, no original italiano.

No século XVI, o *Cancioneiro* teve dois ilustres tradutores portugueses, que usaram, porém, o castelhano, e nos oferecem dois exemplos

## NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

paradigmáticos das potencialidades de realocização que são próprias da cultura portuguesa: a Leste, com Salomão Usque, e a Oeste, com Henrique Garcês. Salomão Usque é um judeu que foi forçado a emigrar para Itália. Editou em Veneza, no ano de 1567, uma tradução que, apesar de parcial, é a primeira do *Cancioneiro* para castelhano. Henrique Garcês é personagem de uma vida atribulada. Nasce no Porto, daí passa a Espanha, interessa-se por minérios e parte para o Peru, onde se dedica à actividade de mineração. Teria mitigado as agruras das suas prospecções com a tradução do *Cancioneiro*, que verte integralmente e edita em Madrid no ano de 1591.

Se a tradução é a apropriação de um objecto, cuidando e dinamizando a sua vida original para a dar ao público contemporâneo, disso é bom exemplo o trabalho ao qual foi atribuído o Prémio Paulo Quintela. Vasco Graça Moura efectua um decalque perfeito de estruturas métricas de grande dificuldade, de entre as quais avultam módulos de origem provençal, depois aperfeiçoados pelos poetas italianos e pelo próprio Petrarca. Sirva de exemplo a técnica das *coblas unissonans* usada em “Verdi panni, sanguigni, oscuri o persi”, traduzida como “Panos verdes, sanguíneos, persa cor”. As rimas das

várias estrofes são as mesmas ao longo de toda a canção, havendo ainda a acrescentar efeitos de rima interna. Também as sextinas são vertidas para Português no respeito das seis palavras que assumem função rimática e que se repetem ao longo de toda a composição, através de um percurso circular estudado por Jorge de Sena para a sextina de Bernardim Ribeiro, muito provavelmente a primeira sextina da literatura portuguesa.

A pedra-angular da perícia translativa residirá no trabalho levado a cabo no plano da sintaxe. A reformulação do volteio de frase é entrelaçada com os códigos métricos, ao mesmo tempo que acompanha o andamento estrutural da composição. A fluência do texto é, pois, efeito do refinado entrelaçamento de estratos de ordem métrica, lexical e estrutural. Nesse variegado painel, as grandes máximas da poesia de Petrarca e a chave dos seus sonetos são claramente identificadas como pontos de luz, objecto de uma angulação específica, pela fidelidade com que são vertidas.

A quem se perguntasse qual é a *cosa* em jogo nesta tradução, a resposta estaria aí mesmo. São 366 poemas, tantos quantos os dias de um ano bissexto: 317 sonetos, 29 canções, 9 sextinas, 7 baladas e 4 madrigais.

## NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

“Traduzir poesia é como tentar tirar uma fotografia verbal, a um objecto também verbal, com a preocupação de se registar o que se viu através da objectiva com o mínimo de deformações”, escreve Vasco Graça Moura na introdução. Uma fotografia que atenta na *cosa* original para lhe dar nova vida e alargar as possibilidades de entender a diferença implícita em cada acto de comunicação da nossa Babel. Motivo de regozijo para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e para a celebração da memória de Paulo Quintela, a atribuição deste Prémio às *Rimas* de Francesco Petrarca na tradução de Vasco Graça Moura.

## ÍNDICE

Nota Prévia .....	5
Paulo Quintela – Alguns dados biográficos .....	9
SESSÃO SOLENE .....	17
Lúcio Cunha .....	19
Maria Irene Ramalho – Paulo Quintela, o amante da poesia .....	25
Maria António Hörster – O tradutor Paulo Quintela .....	45
António Sousa Ribeiro – Evocação de Paulo Quintela .....	57
TRADUÇÕES DE PAULO QUINTELA LIDAS POR ALUNOS DA LICENCIATURA EM ESTUDOS ARTÍSTICOS .....	69
SESSÃO DE ENTREGA DO PRÉMIO DE TRADUÇÃO PAULO QUINTELA 2005 .....	87
Maria António Hörster .....	89
Rita Marnoto – As Rimas de Francesco Petrarca em tradução de Vasco Graça Moura .....	97
Vasco Graça Moura – Homenagem a Paulo Quintela .....	107
Cristina Robalo Cordeiro .....	121